

APLICAÇÃO DA TÉCNICA DE GRUPO DE FOCO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sandra Gomes de Oliveira Reis*

Thais Batista Zaninelli**

RESUMO: O objetivo desse relato é apresentar a experiência das pesquisadoras com a técnica de Grupo de Foco utilizada, como a primeira etapa de uma pesquisa quali-quantitativa. Descreveremos a experiência, o planejamento e a organização do grupo de foco e seu impacto nos dados coletados. Por isso se faz necessário apresentar as etapas utilizadas no processo do desenvolvimento da técnica. Nesse sentido, o trabalho se concentrará em descrever pontos relevantes para a coleta de dados, entre eles a sensibilização dos participantes, a organização e a composição do ambiente, bem como a condução dos grupos de foco e a análise dos dados, permitindo que os participantes tenham sua atenção totalmente direcionada para as atividades grupais. Destacam-se as posições do moderador no grupo e a importância de se garantir uma discussão participativa acerca de determinado tema. A técnica de grupo focal não é tarefa simples, uma vez que se exige dos pesquisadores atitudes adequadas para o aprofundamento acerca dos significados e a subjetividade dos participantes a respeito dos aspectos que envolvem seu processo de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos de foco; Pesquisa qualitativa; Técnicas de pesquisa; Ciência da informação.

APPLICATION OF FOCUS GROUP TECHNIQUE: REPORT ON AN EXPERIENCE

ABSTRACT: Current essay reports the experience of researchers following the Focus Group Technique as a first step in a quality-quantity research. Experience, planning and organization of the focus group are described, coupled to impact on collected data. Since stages in the technique's development process are given, the

* Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UDEL), Bibliotecária no Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-LD), Campus Londrina (PR), Brasil.
E-mail: sandrareismga@gmail.com

** Pós-doutora em Ciência da Informação pela UEL. Doutora em Engenharia e Gestão Industrial pela FEUP. Doente permanente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina (PR), Brasil.

relevant items for data collection are described, namely, awareness of participants, organization and composition of the milieu, the conduction of focus groups and data analysis. Consequently, the participants' attention is exclusively directed towards group activities. The stance of the group's moderator and their importance to guarantee a discussion on a specific theme are enhanced. The focus group technique is not a simple task since it requires adequate attitudes for in-depth meanings and subjectivity of participants with regard to aspects that involve the work process.

KEY WORDS: Focus groups; Qualitative research; Research techniques; Information science.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência é parte de uma pesquisa exploratória que resultará em uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. Esta tem como principal foco entender como os pesquisadores da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) se relacionam com o repositório institucional, como um serviço informacional e como seu comportamento informacional influencia nesse relacionamento.

Esse estudo de caso foi organizado da seguinte forma: as informações serão coletadas primeiramente em um grupo de foco e a partir dos resultados coletados nesse grupo, criaremos um questionário eletrônico que será aplicado em um grupo maior. Levando em consideração o ambiente onde os participantes da pesquisa serão investigados (e também), suas contribuições no que tange ao seu papel como usuário do Repositório Institucional da UTFPR (RIUT) e assim possibilitar em seu contexto, a realização de interpretações e inferências para análise dos dados ampliando essa contextualização, baseando-se, em informações implícitas, explícitas ou em observações. Esta investigação terá duas coletas de dados distintas e a abordagem da pesquisa será qualiquantitativa. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir utilizando uma ou outra pesquisa.

A primeira fase do estudo se caracteriza como uma abordagem qualitativa

conforme exposto por Creswell (2010, p. 209) (que): “A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem”. A fase qualitativa traz à tona os fatos e ideias dos participantes da pesquisa, o que auxilia no processo de interpretação ao explorar o tema junto com os pesquisadores de uma forma geral.

Na nossa primeira coleta foi utilizada a técnica de grupo de foco que são pequenos grupos, entre seis a dez pessoas, com características comuns, com duração de 01hora a 01hora30 min. A diferença para uma entrevista é que no grupo de foco um moderador fornece tópicos, baseados em seus objetivos, a fim de colher suas opiniões. Nessas interações não há certo ou errado e todos podem expressar suas opiniões. Essa interação entre os participantes é que enriquece a coleta de dados, e essa coleta deve ser feita por meio do registro em áudio desse grupo (CARLINI-COTRIM, 1996; DI CHIARA, 2005).

Na fala de Gatti (2005, p. 9), ao se fazer uso dessa técnica “há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam”. Essa fala só veio fortalecer a importância de utilizar essa técnica na pesquisa, pois revela o “como” e “porquê” os pesquisadores investigados pensam, na busca de novas compreensões e de um novo “olhar” sob o objeto pesquisado.

Ao se reportar ao grupo focal como técnica para coleta de dados, faz-se menção de que ele é utilizado quando se querem compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições (GATTI, 2005). Como esse estudo quer abordar o seu objeto por vários ângulos se viu a importância de utilizar essa técnica e também acerca da relevância desse assunto. Este estudo tem como objetivo apresentar a experiência dos pesquisadores com a técnica de grupo de foco utilizada em uma pesquisa qualitativa.

Em um primeiro momento se fez necessário compreender essa técnica, para assim aplicá-la com maior aproveitamento. No capítulo seguinte, destacaremos o referencial teórico estudado para a aplicação do grupo de foco.

2 COMPREENDENDO A TÉCNICA DE GRUPO DE FOCO

O grupo de foco como técnica de pesquisa é usada há muito tempo, há relatos de uso desde os anos 1920, como técnica de pesquisa. Em 1950 foi utilizado por Robert Merton que foi convidado pelo sociólogo americano Paul Lazarsfeld (que já utilizava essa técnica), para ajudá-lo a avaliar respostas da audiência de um programa de rádio. Posteriormente, Merton utilizou a técnica de grupos focais no Exército, para estudar as reações dos indivíduos às propagandas de guerra. Foi também muito utilizada nos anos 1970 e 1980 nas pesquisas em comunicação, na avaliação de materiais diversos ou de serviços, em estudos de filmes e programas de TV, assim como em processos de pesquisa-ação ou pesquisa de intervenção (GATTI, 2005; KIND, 2004; DI CHIARA, 2005).

O grupo de foco é uma técnica de coleta de dados, adequado, para investigações qualitativas, já que se utilizam da interação entre os componentes do grupo para produzir dados e compreensões que seriam dificilmente conseguidos fora do grupo, levam em conta o processo do grupo, processos esses tomados como maior do que a soma das opiniões, sentimentos e pontos de vista individuais em jogo. O grupo interage no momento de expor suas opiniões e esse debate enriquece os dados coletados e os ajudam a construir o seu conhecimento sobre o assunto abordado. Nessa interpretação, o grupo focal é um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além disso, observar as interações características do processo grupal. (KIND, 2004).

Para Morgan e Krueger (1993 apud GATTI, 2005, p. 9), esse tipo de técnica de pesquisa tem como objetivo

[...] entender, a partir das trocas nas discussões no grupo, conceitos, sentimentos como também atitudes e reações de um modo específico que não seria possível captar através de outras técnicas como: a entrevista, questionário ou a observação. O trabalho com o grupo focal permite a compreensão de contraposições, contradições, diferenças e divergências.

A interação que uma conversa tem entre um grupo é explorado na aplicação de um grupo de foco, pois sempre há uma busca dos indivíduos em debater

assuntos e expressar a sua opinião favorável ou não. Apresentaremos, a seguir, as características que um grupo de foco deve ter.

2.1 CARACTERÍSTICAS DO GRUPO DE FOCO

Os princípios e a forma de desenvolvimento de um grupo de foco devem ser elaborados, a partir do problema da sua pesquisa, que deve estar claro e já ter suas questões elaboradas, pois a dinâmica será toda em cima destas questões que serão apresentadas aos participantes, e também, orientará a construção do roteiro que será utilizado nesse grupo, e ao constituir o grupo manterá algumas características em comum aos participantes e essas características serão escolhidas a partir dos seus objetivos que serão os norteadores para escolha (GATTI, 2005).

Na literatura estudada não há um consenso sobre a quantidade máxima e mínima de participantes em um grupo de foco, que vão de cinco a sete, seis a dez participantes, oito a dez e até de seis a 15 pessoas. O que se verifica é que há um consenso entre eles de que o número não deve ser muito grande para não atrapalhar a dinâmica, já que um número elevado acaba por dispersar os participantes. Esses participantes podem ser divididos em até oito grupos de no mínimo cinco participantes cada (CARLINI-COTRIM, 1996; KIND, 2004; DI CHIARA, 2005; GATTI, 2005).

A duração média sugerida, entre os autores pesquisados, é de 60 a 120 minutos. Evitando-se ultrapassar muito o tempo proposto no contato inicial com o grupo. O local ideal deve ser em um ambiente que possa propiciar privacidade; ser confortável; estar livre de interferências sonoras; ser de fácil acesso para os participantes. Um ambiente com essas características ajuda a deixar o participante mais relaxado e com isso proporcionar maior interação.

Há a necessidade de um moderador no grupo focal para que o debate flua e seja eficaz. Essa escolha deve considerar: características pessoais; estilos de moderação; experiência e antecedentes. Esses elementos auxiliam na análise da implicação do moderador, já que normalmente este é também o pesquisador responsável pela investigação. Dentre as características pessoais, é importante ressaltar a abertura para a discussão e a postura de acolhimento diante dos

participantes, o distanciamento com relação ao tema, de forma a acolher posições contrárias de maneira respeitosa e hábil para escutar os integrantes, e a consciência das suas intervenções verbais e não verbais (KIND, 2004).

Cabe ao moderador exercer as mais variadas funções, como conduzir o grupo de forma harmoniosa, participativa, esclarecer ou aprofundar temas específicos, dirigir o grupo para o próximo tópico, quando este se esgotar pela própria questão norteadora, estimular as pessoas tímidas, bem como desestimular os mais falantes e finalizar o grupo reiterando os principais pontos discutidos (SOARES; CAMELO; RESCK, 2016). Alguns autores indicam o uso de um observador, além do moderador, e a sua presença deve ser discreta, sem interferências. O papel deste observador é o de anotar os assuntos em paralelos, os trejeitos e tudo o que entende ser importante ou não durante o grupo. (DI CHIARA, 2005).

Após definir com seus participantes, local e moderador, o pesquisador deve ter em mãos um roteiro com dois ou cinco tópicos que serão o guia para os debates. Esses tópicos devem estar em consonância com o objetivo da sua pesquisa e sempre incluídos pelo moderador de forma sutil, o moderador pode e deve incluir ou retirar tópicos durante os debates se entender necessário. Não é necessário seguir a ordem das perguntas, mas é importante que todos os tópicos sejam debatidos. É necessário utilizar gravadores, mais de uma mídia, para gravar o debate e com isso não perder algumas falas importantes para a pesquisa (CARLINI-COTRIM, 1996; DI CHIARA, 2005).

Segundo Gatti (2005), o uso dessa técnica de pesquisa pode ser útil em estudos que utilizará a triangulação de dados ou para validar os dados já coletados, com o objetivo de gerar novas posições ou entendimento do tema a ser abordado e com esses dados construir instrumentos de coleta de dados, conhecer respostas mais completas sobre o tema e até entender a lógica atrás daquela resposta. Para alcançar esses objetivos é necessário e importante, segundo Soares, Camelo e Resck (2016), que o processo para a construção da técnica de grupo de foco, seguir todo um rigor metodológico para o seu desenvolvimento. Para eles é imprescindível conhecer profundamente os fundamentos e o processo de desenvolvimento desta técnica, pois seu sucesso ou insucesso se dará na medida em que os pesquisadores estiverem realmente munidos de conhecimento dessa prática.

A respeito da importância desse assunto, este relato de experiência tem como objetivo apresentar a nossa experiência com a técnica de grupo de foco utilizada em uma pesquisa quali-quantitativa. Na próxima seção, descreveremos as fases de organização do grupo, desde o planejamento, desenvolvimento, aplicação, análise de dados e considerações sobre a sua aplicação.

3 DESENVOLVIMENTO DO GRUPO DE FOCO

No início da pesquisa a ideia era a de aplicar um questionário eletrônico aos docentes permanentes dos programas *Stricto Sensu* dos câmpus da UTFPR, afim de coletar subsídios para a pesquisa, porém entre uma orientação e outra percebeu-se a necessidade de aplicar um grupo de foco em uma pequena amostra de docentes ligados aos programas com o intuito de coletar informações mais precisas sobre a temática estudada e a partir desse levantamento ter subsídio para criar um questionário para assim aplicar em um grupo maior, composto por 681 docentes permanentes vinculados aos 45 programas de mestrado e doutorado, distribuídos em 13 câmpus da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, distribuídos nas cidades de Apucarana, Campo Mourão, Cornélio Procópio, Curitiba, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão, Guarapuava, Londrina, Medianeira, Pato Branco, Ponta Grossa, Santa Helena e Toledo, que mantém essa modalidade de pós-graduação. Esses docentes representam nossa amostra quantitativa.

Primeiro fazer a aplicação dessa técnica e depois aplicar o questionário, a visão que temos do nosso objeto de estudo se estende e o confronto com a literatura sobre o assunto agrega um conhecimento maior. A lógica nos leva a optar por utilizar esse método neste estudo uma vez que será realizada a triangulação dos dados, que significa olhar para o tema a ser pesquisado a partir de mais de uma fonte de informação e, essas informações, por serem extraídas de diferentes ângulos, poderão ser usadas para enriquecer, justificar e corroborar com o problema de pesquisa. Esse método também limita os olhares pessoais e metodológicos, trazendo uma riqueza para os resultados a serem coletados (AZEVEDO et al., 2013).

Construir uma informação é o momento mais desafiador no fazer de um

pesquisador, o que implica em utilizar os mais variados meios para não só extrair os dados para essa construção, como também identificar a correlação entre os resultados coletados e a literatura lida. Aqui??? está a riqueza dos resultados, quando ambas se complementam.

Em conformidade com as normas éticas, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP- UEL), CAAE 62106316.2.0000.5231 aprovada sob o parecer número 1.879.396. E os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atendendo uma das exigências para uma pesquisa que envolve seres humanos.

3.1 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: PERÍODO DE SENSIBILIZAÇÃO

Em princípio, no ideário da investigação científica, os participantes envolvidos eram os coordenadores e vice-coordenadores dos cinco programas de pós-graduação *stricto sensu* do câmpus Londrina da UTFPR, a saber: Mestrado Profissional em Tecnologia de Alimentos (PPGTAL); Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN); Mestrado Profissional em Ensino de Matemática (PPGMAT); Mestrado Acadêmico em Engenharia Ambiental (PPGEA) e Mestrado Acadêmico em Ciência e Engenharia de Materiais (PPGCEM). Totalizando dez participantes.

Assim, foi realizado um primeiro período de contato com a Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação, para explicar como seria a aplicação do grupo de foco e também foram acolhidas sugestões para o agendamento do encontro do grupo focal, no que se referia ao dia, à hora e ao local. Chegamos à conclusão que uma data interessante seria a primeira quarta-feira do mês de dezembro, pela manhã, antes da reunião de direção com os coordenadores, foi sugerida a sala de reuniões da diretoria para aplicação do grupo.

O convite, primeiramente, foi via correio eletrônico direcionado aos dez participantes selecionados para o grupo de foco. Reforçamos o convite pessoalmente e o grupo foi realizado no início de dezembro, no auditório do câmpus Londrina no período da manhã. Desses participantes, seis confirmaram e no dia cinco

compareceram, destes, um docente saiu no início do grupo para atender um aluno e não retornou, o grupo ficou com quatro docentes.

3.2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: ORGANIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO DO AMBIENTE

A escolha do local de realização do grupo de foco tem fundamental importância na adesão dos participantes e sucesso dos encontros. Portanto, é preciso estabelecer um ambiente que favoreça as interações, que seja isolado ou que se diminuam interferências visuais e auditivas. O diretor de pós-graduação sugeriu a sala de reunião dentro da diretoria, mesmo lugar onde são realizadas as reuniões com os coordenadores, mas entendemos que o local não se enquadraria nos quesitos exigidos, pois teríamos que encerrar o grupo, alguns minutos antes de iniciar a reunião da diretoria. Outro fator levado em conta é que a sala fica logo na entrada do setor e por isso há muitas conversas e interrupções. Solicitamos à direção geral do câmpus Londrina a reserva do auditório, que, é um local climatizado, com as janelas vedadas para a diminuição do som, assim considerado adequado e de fácil acesso além de ser conhecido por todos os participantes envolvidos.

Diante disso, a escolha do espaço físico é de suma importância para proporcionar acolhimento para a aplicação do grupo. E com essa perspectiva, pensando no acolhimento dos participantes, como o grupo foi organizado no período da manhã, às 09 horas, pois posta uma mesa com café, bolo, torta, bolachas e sucos, e informamos que todos poderiam se servir no decorrer do grupo também. Os itens escolhidos para compor o café foram pensados de forma que não produzissem ruídos e também que fossem de fácil manuseio.

Para a aplicação da técnica, escolhemos a mesa principal do auditório retangular com as cadeiras disponibilizadas ao seu redor, e os participantes escolheriam a sua cadeira à medida que chegavam. Em nossa experiência, essa distribuição favoreceu a interação entre eles, pois promoveu o bom contato visual e a interação face a face.

Foram utilizados dois gravadores, marca Sony IC Recorder MP3 3.1.2 com capacidade para gravar 12 horas. Os gravadores foram distribuídos no centro da mesa, de modo a captar todas as falas dos participantes sem interferências. Para

evitar imprevistos, optou-se também por colocar um notebook, marca CCE, da mestranda para gravar sem captar as imagens, por se acreditar que recursos de filmagem pudessem interferir na espontaneidade dos participantes ou mesmo expor a constrangimentos. Com esse pensamento, optamos por gravar somente a voz deles.

A sessão foi organizada com as seguintes atividades: preparação, apresentação, desenvolvimento e encerramento. A preparação, com tempo de 15 minutos, foi composta pela apresentação dos participantes, breve introdução do tema, apresentação dos objetivos do trabalho, bem como da técnica de grupo de foco e dos aspectos éticos que a pesquisa implicava. O desenvolvimento foi orientado pelas questões norteadoras, retiradas do objetivo da pesquisa (Quadro 1), com aproximadamente 50 minutos. Segundo o referencial estudado, o tempo sugerido é entre 01 hora e não mais que 03 horas. Dessa forma, o tempo de duração e o número de participantes dependem da temática a ser abordada. No nosso caso não haveria necessidade de se estender por mais de 01 hora e 30 minutos, e o número de participantes contemplou bem os objetivos propostos.

Quadro 1. Roteiro de perguntas para o grupo de foco

OBJETIVOS	Caracterizar as principais preferências, hábitos e necessidades do comportamento informacional desses pesquisadores	Examinar a receptividade desses docentes em relação ao uso dos recursos informacionais eletrônicos, em especial aos repositórios digitais	Averiguar a familiaridade dos pesquisadores com o Movimento de Acesso Livre à Informação Científica	Analisar como as fases do comportamento informacional são determinantes para o acesso e uso dos repositórios digitais institucionais
PERGUNTAS	Qual é a frequência que vocês realizam as buscas bibliográficas para as suas disciplinas, projetos, artigos etc...?	Para você o que é e para que serve um recurso informacional eletrônico?	Você sabe o que é acesso livre à informação científica?	Já utilizou o repositório institucional para buscar por informação científica?
	Quando realizaram estas pesquisas bibliográficas quais os recursos que utilizam?	O que é um recurso informacional de qualidade?	Já ouviram falar sobre a Via Dourada e Via Verde? Saberá defini-las?	Ao utilizar o repositório institucional você encontrou alguma dificuldade? Quais foram?
	Essa busca é feita de forma individual ou vocês solicitam ajuda?	Já ouviu falar de repositório digital? Sabe qual o objetivo de um repositório digital?	Na sua opinião, a forma de pesquisar mudou com o advento do Movimento de Acesso Livre à Informação?	Gostaria que cada um de vocês identificasse uma característica no repositório institucional que vocês consideram importante para sua busca por informação científica?
	Quando os seus alunos/bolsistas/IC... realizam as pesquisas para vocês, vocês orientam-nos nessas buscas? Como é feita essa orientação?	Conhece o repositório institucional da sua instituição (UTFPR)?		

Fonte: Os autores (2016)

No encerramento do grupo, o moderador agradeceu a participação de todos e explicou qual seria o próximo passo da pesquisa e fez esclarecimentos a respeito de questões abordadas pelo grupo durante a execução, que não foram respondidas no momento da pergunta, para não induzir às respostas, sendo assim retornadas somente ao final.

3.3 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: A CONDUÇÃO DO GRUPO DE FOCO

O nosso referencial teórico revela a necessidade da presença de um moderador, podendo ser o próprio pesquisador ou outro profissional, capaz de coordenar o grupo com segurança, passando confiança e empatia para atingir os objetivos da pesquisa, sem criar conflitos. Neste estudo, o moderador foi representado pela mestrandia que coordenou o grupo, seguindo as questões norteadoras. O moderador, além de receber cada participante de maneira cordial, distribuiu o TCLE para preenchimento e visando ao consentimento para participar da investigação.

Assim, uma vez iniciados os trabalhos, o moderador justificou a necessidade do uso dos gravadores, fez um breve relato da relevância e os objetivos da pesquisa. Em seguida, moderou a discussão guiada por um roteiro que levou em consideração os objetivos da investigação. No decorrer da discussão, outros assuntos surgiram e se, não fugiam dos objetivos, o assunto foi acrescentado, mas sem esquecer que o foco era desenvolver o tema específico, oferecendo dicas para reintroduzir o assunto.

Os dados coletados durante a aplicação do grupo de foco foram transcritos utilizando o programa *Express Scribe Transcription Software Pro* que possui o recurso de controle da velocidade da voz e por isso facilita o momento de ouvir cada resposta e transcrevê-la. Fizemos essa transcrição de duas formas: a primeira escrevendo tudo o que era ouvido e depois fizemos uma nova transcrição, destacando as falas e conferindo se foi transcrito corretamente na primeira fase. Os participantes foram identificados com siglas e também identificamos em que minuto os objetivos do trabalho eram mencionados. Para analisar essa transcrição utilizaremos a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977 apud MEIRELES; CEDON, 2010, p. 78), é

[...] definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens.

Com essa análise estabelecemos categorias e subcategorias relacionadas ao objetivo da pesquisa e após inferências que, para Valentim (2005), tem o objetivo de extrair questões relevantes dentro do conteúdo transcrito para, em seguida, interpretar esses dados. Esse levantamento subsidiou a criação do questionário que será utilizado na segunda fase dessa pesquisa. Vale destacar que o grupo, de maneira geral, teve uma participação efetiva dos participantes, constituindo-se em um grupo coeso, participativo, seguro nas exposições de suas vivências. Por meio de condução adequada da moderadora extraímos um material vasto e rico. No próximo capítulo veremos a discussão dos resultados do uso dessa técnica.

4 DISCUSSÃO

Um dos desafios vividos pelas pesquisadoras ao planejar o desenvolvimento da pesquisa foi adotar ou não a técnica de grupo de foco, visto que mesmo sabendo que seria um método rico na coleta de dados, pois requer conhecimento da técnica para retirar o que há de melhor na sua aplicação, tendo uma das pesquisadoras ainda não trabalhado com a técnica e por isso foi necessário o seu aprofundamento nas leituras sobre grupo de foco e assim executá-lo da melhor forma possível. Também, seria uma tarefa árdua no quesito de adesão dos participantes para a sessão de grupo. Sobre a adesão, os participantes escolhidos para esta pesquisa foram coordenadores e vice-coordenadores de programas de mestrado, que apresentam uma demanda de trabalho criteriosa e extensa, sendo este um dos fatores limitantes para a participação de todos os dez docentes convidados. Outros fatores que destacamos, foi o período de aplicação da técnica, em meados de dezembro, o qual corresponde ao final do semestre letivo para o mestrado e a graduação e também período de qualificações e defesas de dissertações. Tivemos participantes que confirmaram a presença, mas no dia não compareceram e justificaram sua ausência. Um participante compareceu

no início, mas teve que se ausentar e acabou por não retornar e outro participante chegou no horário errado, já no encerramento do grupo.

Nessa experiência não foi preciso trabalhar com uma técnica de apoio, no caso as entrevistas, pelo fato de que nas sessões de grupo os objetivos foram alcançados com os participantes. Os grupos de foco proporcionaram momentos ímpares para o crescimento profissional tanto das pesquisadoras, quanto dos participantes, uma vez que as informações coletadas realmente apresentaram fundamentação qualitativa em relação à temática, a qual se tratava dos recursos informacionais e mais especificamente o repositório institucional, que é um assunto que ainda representa um assunto novo e complexo no cotidiano do processo de pesquisa dos docentes.

Dessa forma, a exploração do assunto realizada pela moderadora se tornou importante, em face de sua flexibilidade no decorrer do grupo de foco, o que permitiu que os participantes expusessem depoimentos das mais variadas experiências com perguntas não previstas. A interação entre eles, que já se conhecem, foi um fator que trouxe grande ganho, pois em muitos momentos um participante indagava o outro e assim o assunto se desdobrava em outras temáticas, porém dentro do mesmo assunto. Sentimos a falta de um observador. É muito citado no referencial por todos, e na nossa aplicação sentimos que realmente um observador poderia contribuir com as anotações de conversas paralelas e também com anotações sobre comunicação não verbal, que aqui poderíamos colocar os trejeitos do participante.

Assim, refletindo sobre toda a experiência com grupo de foco, cabe enfatizar no âmbito da ciência da informação que a pesquisa qualitativa com o uso dessa técnica revela uma oportunidade para se explorar com propriedade estudos de qualidade, uso e implantação de recursos informacionais, estudo de usuários, marketing, inovação para sistemas de informação entre outros, e nas quais pretendem valorizar e apreender com a opinião e a percepção dos participantes que estão envolvidos diretamente com o assunto a ser pesquisado com essa técnica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de foco mantém como objetivo principal a interação e sua fundamentação no discurso. Com essa tradição dialética, essa técnica pressupõe a construção do conhecimento por meio da interação e subjetividade. Assim, pressupõe-se que as muitas vozes envolvidas no grupo de foco mostram aspectos semelhantes e diferentes, construções e desconstruções, que é o que essa técnica extrai desse ambiente de interação, diversidade e subjetividade.

Concluimos que é necessário seguir, com afinco, os objetivos selecionados, como também analisar o perfil de quem conduzirá a aplicação do grupo de foco, que deve ter além do conhecimento da temática a ser abordada, deve ser um mediador que instiga o participante a falar e manter o foco no que se quer alcançar. Em muitos momentos o grupo partiu para um assunto que não tinha correlação com o objetivo do grupo, por isso há a necessidade de identificar esses momentos e trazer, de volta, o grupo para tema proposto.

É importante conhecer profundamente os fundamentos e o processo de desenvolvimento desta técnica, pois seu sucesso ou insucesso se dará na medida em que os pesquisadores estiverem imbuídos de um conhecimento sobre essa prática. Seguir com rigor as etapas sugeridas não é preciosismo, mas uma forma de enriquecer os seus resultados com mais argumentos. Porém, a técnica de grupo de foco não se trata de uma tarefa simples, uma vez que exige dos pesquisadores atitudes adequadas e proativas, para se aprofundar nos significados e na subjetividade da temática abordada com os participantes, interagindo sobre os aspectos que envolvem o seu processo de trabalho.

Esse relato de experiência não pretende de forma nenhuma ser um manual para aplicação de um grupo de foco, mas pretende ajudar os leitores a iniciar a sua própria jornada na aplicação dessa técnica. Ao contrário de pretender esgotar o tema, gostaríamos de incentivar o uso dessa técnica na ciência da informação e nas áreas correlatas, pois enxergamos essa técnica como uma contribuição para pesquisas em que ouvir o outro seja a mola propulsora para a construção de um conhecimento pautado na busca de respostas em que o usuário seja o centro.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. E. F. et al. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE (ANPAD). Brasília, 3-5 nov. 2013. **Anais Eletrônico....** Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf>. Acesso em: 14 out. 2016.
- CARLINI-COTRIM, B. Potencialidade da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Rev. Saúde Pública**, v. 30, n. 3, p. 1-14, jun. 1996.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DI CHIARA, I. G. Grupo de Foco. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Pulo: Polis, 2005. p. 101-117.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041213115340.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.
- MEIRELES, M. R. G.; CENDÓN, B. V. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às Redes Neurais Artificiais.. **Informação & Informação**, v. 15, n. 2, p. 77-93, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/4884>>. Acesso em: 04 fev. 2017.
- SOARES, M. I.; CAMELO, S. H. H.; RESCK, Z. M. R. A técnica de grupo focal na coleta de dados qualitativos: relato de experiência. **REME rev. Min. Enferm**, v. 20, 2016. Disponível em: <www.reme.org.br/exportar-pdf/1076/e942.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2017.

VALENTIM, M. L. P. Análise de Conteúdo. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 119-134.

Recebido em: 24/10/2018

Aceito em: 21/11/2018